



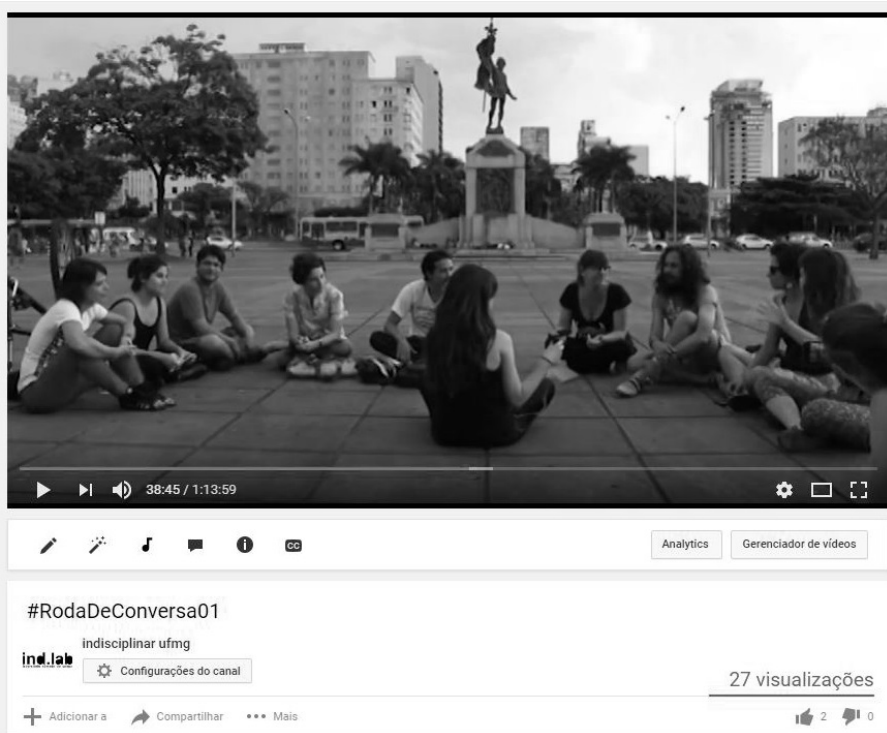
CARTOGRAFANDO OS MOVIMENTOS MULTITUDINÁRIOS EM BELO HORIZONTE: AS JORNADAS DE JUNHO E DEPOIS

CARTOGRAPHING THE MULTITUDINOUS MOVEMENTS IN BELO HORIZONTE: THE JUNE DAYS AND BEYOND

Natacha Rena*, Joviano Mayer*, Bernardo Neves* e Josiane Alves*

A Roda de Conversa vem sendo desenvolvida, no âmbito do grupo de pesquisa Indisciplinar, como dispositivo oral de investigação, com a finalidade de estabelecer diálogos entre pesquisadores e movimentos de naturezas diversas: culturais, ativistas, militantes e de ocupação, ou seja, insurgências populares que eventualmente possuem filiações ou bases estéticas e políticas distintas, ou divergentes. Ao contrário dos questionários semiestruturados e entrevistas, a ideia tem sido experimentar uma forma de produção coletiva mais polifônica, horizontal e colaborativa, que evidencie as vozes dos respectivos atores participantes. No dia 6 de novembro de 2014 foi realizada na Praça da Estação uma primeira experiência utilizando o seguinte processo: primeiro realizou-se uma Roda de Conversa em modelo assembleário com gravação de áudio e vídeo; em seguida, as gravações foram transcritas em um documento de texto compartilhado no Google Docs entre todos os que participaram; todos editaram modificando, retirando e acrescentando o que

julgaram necessário. A temática dessa conversa girou em torno dos processos multitudinários, colaborativos e mais horizontais que se manifestaram com grande intensidade durante as Jornadas de Junho de 2013 em Belo Horizonte, destacando quais seriam as singularidades dos movimentos e coletivos locais quando comparados aos de outras localidades brasileiras, e seus desdobramentos organizacionais pós Jornadas de Junho. Participantes da presente Roda de Conversa: Ed Marte, Francisco Foureaux, Joviano Mayer, Ludmila Ribeiro, Natacha Rena, Paula Bruzzi, Paula Kimo, Roberta von Randow, Sílvia Andrade. Som/Produção de imagem, transcrição, edição: Luiza F., Pedro R., Sarah M., Cris Araújo e Marcelo Comparini. Autores que fizeram a edição do texto gerado para ser publicado na revista: Natacha Rena, Joviano Mayer, Bernardo Neves e Josiane Alves. O vídeo que gerou o material a ser transcrito para este texto pode ser assistido na íntegra em [youtube.com/watch?v=QcTV06mx_CA](https://www.youtube.com/watch?v=QcTV06mx_CA).



Img. 1 Print do vídeo da Roda de Conversa no Youtube do Grupo de Pesquisa Indisciplinar

NATACHA: O intuito desta roda de conversa é configurar um texto com um recorte particular (envolvendo quem está aqui presente nesta roda de conversa) sobre o que aconteceu em termos de organização dos movimentos sociais e culturais a partir das Jornadas de Junho de 2013 em Belo Horizonte.

A gente podia fazer uma roda aqui muito maior, que desse conta de um conjunto de outras pautas específicas, como a do transporte, ou da saúde, da educação ou de gênero. Mas aqui acho legal optarmos por trabalhar os movimentos de rua e de ocupas, algo mais híbrido, e talvez com um recorte da potência, da produção estética dos encontros, da arte, da ocupação das ruas, e como todos esses movimentos, que a gente provavelmente vai falar aqui, são atravessados por essa estética, por uma força afetiva.

Penso que podemos relatar um pouco os processos envolvendo a Assembleia Popular Horizontal de BH [1], assim como a Ocupação da Câmara e outros ocupas que surgiram a partir daí. Acho que podemos falar dos processos constituintes e também das singularidades de Belo Horizonte com relação a outras cidades do país que temos notícias. Sabemos que aqui há uma organização muito orgânica, então eu acho que a gente pode pensar um pouco a nossa conversa a partir disso. E sempre nos ronda uma hipótese de que fazemos parte de um movimento multitudinário, tanto de ocupação das ruas, quanto dos espaços institucionais, utilizando uma tática muito estética para nos organizarmos estrategicamente. Se pensarmos que parte deste movimento de ocupar as ruas como um ato político já existia aqui no espaço central da cidade desde a origem do Duelo de MC's [2] em 2007 e em 2010 com a Praia da Estação [3] e na sequência explode o carnaval

de rua insurgente e político, podemos imaginar que esta hipótese faz sentido...

Eu acho que a gente podia começar se apresentando e dizendo um pouco do que a gente acha que é singular de Belo Horizonte, e depois a gente aprofunda nas discussões dos movimentos que cada um está associado. Eu, particularmente, acho que tem essas duas coisas: que os movimentos daqui têm uma organização muito mais híbrida do que nos outros lugares, pelo menos pelo que eu percebo. Os movimentos culturais estão muito ligados aos movimentos sociais de uma forma orgânica, e que confere aos movimentos sociais uma força performática, estética, de ocupação do espaço público e de produção de afeto, que acaba movendo todas as outras lutas ou contaminando as outras lutas mais específicas. Pode começar com Lud, lá em 2007 com o surgimento do Duelo.

LUD: Hoje eu sou da Família de Rua [4], participo da Real da Rua [5] e também, do Viaduto Ocupado [6]. Uma coisa que marca pra mim, olhando o Duelo de MC's, a Praia da Estação e o que veio depois, é a festa como marca das várias lutas daqui, de Belo Horizonte. É uma característica muito forte. A festa como uma forma de agregar pessoas, e também como forma de confundir muita gente. Há quem prefira dizer que isso é só uma festa, farra de universitários, que não está acontecendo nada, mas o que surge ali são muitos contatos e conexões que possibilitam a formação de redes de ação e discussão. A mobilização se fortaleceu muito ao longo desses anos e hoje tem muita gente conectada, atuando em diferentes causas com o mesmo foco. Acho isso muito interessante.

PAULAB: Meu nome é Paula, eu sou do Indisciplinar, e a minha pesquisa de mestrado é sobre A Ocupação [7]. Eu concordo, e acho que as lutas em Belo Horizonte acabam ficando muito nesse espaço entre festa e luta. As duas coisas se permeiam. É muito presente, também, e aí me volto mais especificamente ao ato A Ocupação, a ideia de estar junto e fazer junto a partir do próprio ato de ocupar, coletivamente, o espaço da cidade. Produzir junto esse espaço, no aqui e agora da própria experiência. É importante mencionar, também, o caráter nômade dessa prática. As ocupações foram se diversificando, incluindo outras pautas e lugares, mas sempre mantendo um caráter performático e de festa, de arte e de luta. E assim acontece também com outros movimentos, que se desdobram do ato, ou que ocorrem simultaneamente a ele. Afinal, por que essas coisas todas não podem se atravessar? Acho que essa sem dúvida é uma provocação que a experiência de Belo Horizonte suscita.

CHICO: Eu sou o Francisco, sou do coletivo Tarifa Zero BH [8] e do Espaço Comum Luiz Estrela [9]. Por um cacoete de formação, sempre olho pra isso, quando a gente pensa em Belo Horizonte, enxergo que o junho de

[4] Cf. facebook.com/familiadrua.

[5] Cf. facebook.com/RealdaRua.

[6] O Viaduto Ocupado surgiu em janeiro de 2014 quando o Viaduto Santa Tereza amanheceu completamente cercado. Ao longo de sete dias, manifestantes estiveram acampados ali, junto a manifestações artísticas e festas.

[7] A Ocupação é uma ação artístico-cultural co-construída pela sociedade civil nos espaços públicos de Belo Horizonte que teve início durante as Jornadas de Junho de 2013 e acontece periodicamente em regiões envolvidas nas disputas territoriais.

[8] Cf. facebook.com/tarifazerobh.

[9] Cf. facebook.com/espacoluizestrela.

[1] Cf. facebook.com/AssembleiaPopularBH.

[2] Cf. issuu.com/aconteceaquibh/docs/oqueaconteceaquai.

[3] Cf. youtube.com/watch?v=53540iTR07E.

2013 foi um desdobramento de um encontro de grupos que entendem a perspectiva cultural como um espaço de luta e também de resistência, com muita propriedade e com muita competência. Entendo também que houve, já no final da década de 1990 aqui em BH, um movimento dentro das estruturas mais antigas de partidos vanguardistas e de movimento estudantil que permitia, ou que foi permeada por uma prática assembleária, anarquista. Percebo que ao longo do meu processo de formação no movimento estudantil, na década de 1990, havia brechas nos partidos vanguardistas, sobretudo naqueles partidos que se predispuseram a dialogar com a rua aqui em Belo Horizonte. Essa perspectiva de construir a esfera de resistência, o espaço de resistência na cidade, que privilegiava o debate, não vinha com uma proposta pronta, ou com uma forma de entender, interpretar e se posicionar diante do poder público e da rua a partir do partido. Isso é um privilégio de Belo Horizonte. Talvez isso seja uma das grandes virtudes do nosso movimento. Também há uma falência. Acho honestamente que algumas pessoas, não todas, mas algumas pessoas olham pra forma engessada de luta que veio da década de 70, e percebem a falência dessa forma, desse agir político. E não é como uma coisa premeditada. Isso é uma contingência histórica incrível.

JOVIANO: O meu nome é Joviano eu sou das Brigadas Populares [10], do coletivo Margarida Alves [11], também participo do Espaço Comum Luiz Estrela. Bom, na verdade eu acho que tem várias singularidades. Uma delas, além das que já foram faladas como as hibridações que tem em Belo Horizonte, é o Duelo que é um marco na escala da cidade por essa coisa da apropriação comum de um espaço e uma resignificação. Antes, quando por exemplo aconteceu a Ocupação Caracol [12], que foi a primeira ocupação que eu participei e foi em 2006 na Serra, foi impressionante porque era assim: na ocupação de manhã tinha o pessoal da igreja que ia lá prestar assistência pras famílias, aí chegava a tarde e ia o movimento estudantil, e aí à noite tinha o sarau, os punks, com o pessoal das antigas. Então já era uma ocupação micro, com 10 famílias sem-teto. Foi uma ocupação que nasceu de um processo muito interessante em que essas famílias da Serra procuraram as Brigadas falando “nós estamos querendo ocupar um prédio que está vazio”, e a gente nunca tinha participado de uma ocupação. Aí falamos “A é? Beleza, qual prédio? Onde, como, quando?” e eles falaram “Ó, nós queremos ocupar na sexta-feira”, e isso era na quarta. Aí nós dissemos “não, nós não temos como fazer essa ocupação, tem que preparar”, e eles falaram “Nós vamos com ou sem vocês”. Aí nós pegamos e fizemos essa ocupação e ela já trouxe esse componente das hibridações, que eu acho sim que é uma singularidade, se você pensar como que as ocupações estão interligadas com outros processos, com a cultura que atravessa também todas essas lutas. Eu acho que uma outra singularidade é a atual administração, sem dúvida nenhuma. (Todos concordam) Não ela em si, mas porque a partir dela surgiu, por exemplo, o Fora Lacerda [13] e querendo ou não...

Img. 2 Praia da estação na Praça da Estação, em Belo Horizonte

[10] brigadaspopulares.org.br.

[11] Cf. coletivomargarida.blogspot.com.br.

[12] Cf. youtube.com/watch?v=8GOWmmgnB9I.

[13] Cf. facebook.com/fora.lacerda.

[14] Cf. graveola.com.br.

[15] Cf. facebook.com/comunidadeandara.



NATACHA: Surgiu a Praia da Estação primeiro...

JOVIANO: Surgiu a Praia no início de 2009, depois o Fora Lacerda, e aí, do Fora Lacerda a gente percebe que a maior parte dos ativistas que estão hoje nesses movimentos atuantes na cidade participaram, estavam ali próximos do Fora Lacerda, então também foi um momento de aglutinação de encontro. Eu também situo como um marco importante o show do Graveola e o Lixo Polifônico [14] na ocupação Dandara [15], a Dandara ter nascido ali naquela ocasião, e o fato das ocupações serem retomadas por uma organização do tipo das Brigadas. Porque, quando a gente pensa movimento social sem-teto, como eu conheço outras ocupações, pegando, por exemplo, o caso do MTST, é uma estrutura mais rígida, mais vertical, mais próxima do modelo tradicional de esquerda, de organização que se orienta pelo centralismo democrático e tudo, e nas Brigadas eu percebo uma organização mais fluida, e foi essa organização que retomou o processo de ocupações organizadas de sem-casa em Belo Horizonte em 2006. Eu acho isso, não dá pra deixar de reconhecer. Uma outra questão importante, nós tivemos 16 anos de gestão petista em Belo Horizonte, mas uma gestão petista com um projeto de participação popular, né? E que inaugurou uma série de políticas, por exemplo, os conselhos, os núcleos de moradia, que faziam a gestão da política de habitação de interesse social, o orçamento participativo, enfim, 16 anos de gestão petista, claro, com um atrofiamento das propostas iniciais, mas que deixou ali na cidade um germe de uma expectativa quanto à participação nos processos decisórios da cidade.

NATACHA: Sou professora da Escola de Arquitetura na UFMG e pesquisadora do Grupo de Pesquisa Indisciplinar e venho trabalhando muito diretamente com os movimentos sociais nos últimos três anos. E uma das primeiras experiências que eu acho que foi importante pra uma certa organização do que veio a acontecer depois das Jornadas de Junho de 2013 foi também o encontro sob o Viaduto Santa Tereza que acontece toda sexta. É o Real da Rua, que envolve outro grupo de pesquisa Cidade e Alteridade da Escola de Direito da UFMG [16] e o Duelo de MC's via Família de Rua.

[16] Cf. cidadeealteridade.com.br.

Acho importante a gente observar que o urbano, a cidade, a metrópole estão em disputa. E, especificamente em Belo Horizonte, esta região central, a qual pertence a Praça da Estação, vem passando por um processo de gentrificação desde quando o contexto foi revitalizado e o Museu de Artes e Ofícios foi inaugurado, em 2006. Desde essa época a gente vem vivendo o processo de ser um lugar onde se tem um intenso fluxo de pessoas na cidade que vêm de outros lugares da região metropolitana para trabalhar, além de ser uma praça com configuração espacial cívica e próxima do Viaduto Santa Tereza, que vem sendo palco de diversas atividades políticas e culturais espontâneas. Estamos falando de um território em disputa e essa região central aglutina o encontro desses movimentos e ao mesmo tempo é foco de um desejo explícito do estado-capital de expropriar esses espaços comuns que surgem para substituir por um território higienizado, sem população de rua, sem vendedor ambulante, pronto para o turismo e para o uso comercial de luxo. Eu acho que isso é muito importante de se observar, porque acaba que esses movimentos que a gente diz que se originam aqui; tanto o Duelo de MC's quanto a Praia, ou Fora Lacerda, ou o próprio carnaval, surgem já dentro de uma disputa direta com o Estado-capital.

EDMARTE: Então gente, meu nome é Ed Marte, eu sou artista, sou ator e performer também. Minha formação é em teatro, no programa da época da prefeitura petista, o Arena da Cultura, que surgiu há uns 10 anos, 12 anos atrás; eu comecei lá em 2003 a minha formação de teatro. E essa questão da ocupação das ruas como trabalho artístico tinha muito também quando a gente fazia teatro de rua. Pra mim começou mais a questão da performance com o Duelo de MC's, era uma coisa assim, toda sexta eu ia pro Duelo, e já comecei a criar umas ações performáticas que é uma coisa que eu misturo mesmo no meu trabalho, que é a arte com a vida, né? Eu acho que tem tudo a ver também com as manifestações, com as coisas que a gente faz, com as performances que a gente faz, eu e os outros artistas aqui também nas manifestações. Depois veio a Praia da Estação que eu participei desde o início daquela primeira reunião que teve aqui também, do Vá de Branco que alguém convocou, e depois as pessoas começaram a trocar e-mails e começaram a se juntar pra criar a Praia da Estação. Eu acho que uma singularidade muito grande que tem é essa alegria mesmo, de festa, que tem em BH, do carnaval. Tudo isto foi muito importante até pro meu trabalho. Acho que todos os meus amigos de hoje eu conheci naquela

época, alguns eu já conhecia antes, mas a maioria foi naquela época, nos movimentos.

PAULAK: E eu me sinto contemplada na fala de todo mundo. Eu vejo em Belo Horizonte essa colaboração que a gente tem entre os movimentos, a coisa da solidariedade, as lutas não estão sozinhas. O que o Chico traz sobre os movimentos tradicionais é uma certa ruptura que ele situa no movimento estudantil na década de 90, o movimento assembleário, isso faz com que a luta seja mais plural. Eu não estou só numa luta pela cultura, ou numa luta pela habitação, ou numa luta pra fortalecer a população de rua, né? A gente tá em várias lutas. E eu acho que aí a questão da internet, dos dispositivos móveis, tudo isso colabora muito pra que a gente consiga participar muito mais. Então a gente não tá só na rua e isso não é uma característica de Belo Horizonte, isso é planetário. A gente não tá só na rua, mas a gente tá também em um outro espaço que é o espaço da conectividade, da interação, são outras formas de participar pra além daquela forma tradicional de participação.

Quando o pessoal do Rio e de São Paulo falam de Belo Horizonte eles colocam muito essa coisa da união, a gente tá muito próximo. Em São Paulo tem muita briga, tem muita rixa. No Rio tem um desgaste dos movimentos também, aqui eu acho que os desgastes vêm, mas eles vão passando e talvez a alegria e a festa façam com a gente fique sempre próximos. O desgaste não vai impedir uma luta, ele não vai impedir a participação e a colaboração da gente. Eu acho que a gente tá diante da formação de novos sujeitos políticos, nós temos uma outra forma de relacionar que envolve também as relações pessoais, as relações afetivas. Eu não estou ali só por amor à causa, estou por amor às pessoas, por amor aos amigos, por amor. Ali a gente se envolve a gente se apaixona, a gente casa, né? Quantas histórias a gente não escuta? Do movimento aí que tá conectado, todo mundo pega todo mundo. Eu acho que isso é muito particular, é muito amor em Belo Horizonte, um traço nosso. E esse amor vem pra fortalecer. O que o Joviano traz sobre a administração pública, pra mim isso é um marco: o prefeito Márcio Lacerda com todas as suas bizarrices nos ajudou a fortalecer. Ele faz com que a gente esteja na rua, cobrando, faz com que a gente fique mais ligado na opressão, na venda da cidade. Eu só tenho a agradecer ao Márcio Lacerda (Todos riem). Talvez, se não fosse ele, se a gente continuasse com essa gestão PT que cria espaços de participação, mas que ao mesmo tempo controla o tempo todo a relação, seria diferente. Talvez estivéssemos acomodados nesse lugar de pseudoparticipação.

ROBERTA: Eu acho bom poder pensar a singularidade do movimento de Belo Horizonte, dessa política, eu comecei a pensar a partir do meu envolvimento também, de como que essa cidade atravessa o meu corpo, atravessa a minha história, e como que isso vai mudando com o movimento. Eu acho que a vida muda e eu mudo a partir de alguma coisa de Belo Horizonte. Depois fui morar fora um ano, e neste momento

aconteceu a Praia da Estação. Acho que ali estava acontecendo aquilo pelo que procurava na pesquisa de mestrado, não sei explicar como, até hoje não sei de onde tirei essa tal “nova forma de participação política”, não sei se é nova de fato na História, mas sei que em BH, neste recorte de tempo, tem sido novo sim e muito singular. Me emocionavam as notícias que chegavam de Belo Horizonte. Orgulho, sabe? E acho que tem a ver com mudanças políticas que estavam acontecendo também no movimento estudantil e a saída das pessoas da faculdade, por outro lado. Havia uma certa crise com o movimento universitário partidário e enrijecido. E já tinha também outras formas de participação menos partidárias no movimento estudantil, ou suprapartidária, em consonância com os movimentos sociais da cidade. Juntava todo mundo, partidários e sem partido. Essa nova forma de participação política, mais aberta, menos prescritiva e institucional, não hierarquizada, acho que é marcada pela Praia da Estação, que a cultura também é ponto forte, como no hip-hop do Viaduto, a linguagem artística é um ponto importante de interrogação e intervenção social e política. Que tem mais a ver com o que acontece com a cidade no presente, passa pelo cotidiano e pelo que vivemos. Sem muitas prescrições, mas acontecimento. Quando vi o mapa multitudinário, eu perco Belo Horizonte de 2009 a 2011. Retorno no final de 2011, 2012, e para rua aos poucos... Voltei na Marcha contra o Lacerda em 2012 bem perdida. Mas o retorno para a participação política mais ativa e articulada na cidade tem a ver com a Assembleia Popular Horizontal que se mostrava um lugar aberto e diverso, principalmente porque eu não estava vinculada a nenhum partido e nem movimento social. E era um lugar de articulação. Fui como cidadã e tinha as minhas causas, agora já adulta e trabalhadora. Eu achava que a singularidade estava assim, de grupos que trabalham a partir de uma lógica da macropolítica indo pra rua de baixo de um viaduto, um espaço boêmio da cidade. Então, esse era um espaço também já ocupado pelo Duelo de MC's, pelo skate, pela população de rua, que têm um movimento, e uma certa boemia universitária e dos transeuntes em geral do baixo centro. Foi um encontro, mas teve muita história antes pra gente chegar à singularidade da APH.

[17] Cf. espanca.com.

[18] Nelson Bordello foi um bar, aberto em 2010, importante apoio e mais uma figura do cenário cultural das noites embaixo ao Viaduto Santa Tereza. Em dezembro de 2014 o espaço passou a ser sediado pelo Baixo Centro Culturalbaixo.org.



NATACHA: E é legal falar que tem nesta região dois pontos de apoio fortes aos movimentos: Espanca! [17] e o Bordello [18]. Acho que são coisas pontuais, mas fundamentais na dinâmica deste espaço.

ROBERTA: Eu acho fundamentais. E depois a gente vai apropriando esses outros botecos ali da Arão Reis. Tem um encontro ali da cultura com a política e a vida, né? Que mesmo sem ter vivido a Praia da Estação de perto, me lembra um pouco. Acho que foi uma confluência de muita coisa que estava acontecendo na cidade, das diversas maneiras que a esquerda de BH tem atuado. Porque a gente estava ali discutindo muito política, discutindo grupos de trabalho, a pauta, qual é o encaminhamento, quem que vai fazer, mas no meio dessa discussão tinha a convivência entre as pessoas, aprender a reconhecer um ao outro. É isso que a Paulinha fala também, acho que é importante ter esses laços de afetividade e como que vai amadurecendo alguma coisa da política, e vai aparecendo inclusive o conflito, a tensão, mas, talvez, eu acho que o conflito e a tensão aparecem em algum lugar mais amadurecido que coloca a gente a trabalho ao invés de ser uma coisa de rompimento de laço. Eu acho que até, por exemplo, depois do Resiste Isidoro [19], a gente chega no Resiste Isidoro assim, a gente consegue mobilizar muita gente na cidade. E todo mundo conviveu, todos os coletivos, era as Brigadas, o MLB [20], Espaço Comum Luiz...

[19] Cf. facebook.com/resisteizidora.

[20] Cf. facebook.com/mlbminas.

[21] O Maletta é um edifício misto da década de 60, no centro de BH, famoso por abrigar em seu andar térreo e nas varandas de seu pilotis bares que se tornaram pontos importantes de encontro da resistência da cidade.

JOVIANO: Aí tá uma diferença singular, né? O Espaço Comum Luiz Estrela já tá num registro que não tem uma bandeira de um movimento.

NATACHA: Ele é meio tudo: é um QG dos movimentos... é atravessado por tudo e atravessa tudo. Tem uma questão de organização política organizada sob novos parâmetros, o da produção do comum e da horizontalidade como horizonte.

ROBERTA: Muita questão cultural, as festas, a cultura acontecendo, e a gente tinha que conversar sobre quem que ia ficar, quem que ia fazer esse e aquele trampo. Nessa hora a gente vê como que são diversas as formas desses movimentos se organizarem, e aparece um conflito e eu acho que todo mundo fica um pouco machucado, e a gente vai pra eleição, a rua de novo se une, de novo o conflito, mas aí volta esse momento de desocupação e aí agente vai voltando amadurecido e fala assim “olha, eu erro, você erra, ou nós somos diferentes, mas a gente tá junto”.

NATACHA: Eu acho que essa é uma singularidade fortíssima daqui, que é isso que você tá falando, que os conflitos surgem, mas as rupturas não, porque tem as relações afetivas no meio de tudo.

O Maletta [21] é um outro espaço importante também, é um espaço que é privado, mas talvez ele seja um espaço público fundamental, ou na verdade um espaço comum, que é produzido no encontro. Depois desta região central aqui da Praça da Estação, ele é um segundo centro.

Penso que em Belo Horizonte, depois das Jornadas ou durante as Jornadas, a gente teve três ocupações muito potentes, de produção

Img. 3 Atlas multitudinário

de afetos e de novos modos de vida. Uma foi o Ocupa Câmara, porque ali estavam todos os movimentos, e foi, talvez tenha sido a primeira ocupação de câmara das Jornadas de Junho no Brasil... foram sete dias.



Img. 4 Leonardo Péricles, do Movimento de Luta pelos Bairros, Vilas e Favelas, na Câmara Ocupada

ROBERTA: Por isso eu falo da APH e da importância da APH, porque eu acho que a APH culmina na Ocupação da Câmara. Como que a festa vai conviver com a reunião lá de dentro.

NATACHA: Como a festa vai conviver com a reunião que tem no outro dia de manhã, como que recebe os políticos dentro da própria Câmara. Então tem toda uma lógica de organização e de potência afetiva que acontece ali. Depois, muito tempo depois, tem a questão do movimento Viaduto Ocupado, que aí de novo você tem uma ocupação. E aí, pela primeira vez talvez, o Duelo de MC's não é só convidado a participar como uma força performática que vai dar apoio, mas o Duelo de MC's, ali no Viaduto Ocupado recebe os outros movimentos e também participa da organização. Então é um momento que o Duelo de MC's se politiza radicalmente no meio das lutas. Surge um movimento, que é um movimento de movimentos, e ele é efêmero, na hora que precisar ele surge de novo, mas ele é essa coisa indefinida e performática, teve uma produção de festas 24h, durante sete dias, de uma agenda cultural intensa, também já vindo de um know-how, de uma experiência das ocupações culturais. E depois você tem a terceira ocupação que

aglutina todos os movimentos culturais e sociais da cidade, que foi o Resiste Isidoro. Neste caso, a pauta não foi somente sobre um espaço público urbano, mas foi uma pauta de um espaço da dimensão da Avenida do Contorno, originária da cidade de Belo Horizonte, e agora uma área ocupada por 8.000 famílias. E neste caso, foi um encontro de movimentos multitudinários jovens, com movimentos clássicos como o MST, os sindicatos estavam nesta primeira reunião na escola de Direito, e também os partidos de esquerda (PT, PSOL, PSTU, etc.). O Resiste Isidoro foi um, vamos dizer, ápice desses processos todos de encontro e de hibridação dos movimentos, mas de maneira muito organizada. E é muito impressionante, porque se mobilizou nacionalmente e internacionalmente. Com apoio de pesquisadores e pensadores, de artistas, produziu-se uma mobilização que já conseguiu parar um projeto de Parceria Público Privada de 15 bilhões de reais que iriam circular ali. E depois de termos parado também em 2013 a Operação Urbana Nova BH com representação no Ministério Público, eu tenho certeza, há uma organização destituente muito eficaz, mas também vários processos constituintes que acontecem paralelamente.

Vocês não sentiram em Resiste Isidoro que de repente as disputas dos grupos pelo poder, ou pelo protagonismo, desaparecem um pouco, porque as pessoas já tinham seu lugar um ano depois das Jornadas?

EDMARTE: Total.

JOVIANO: Eu percebo muito assim, porque entre a experiência da ocupação Dandara e do Isidoro temos as Jornadas de Junho de 2013. E aí a experiência do Isidoro, mais aberta do que no caso da Dandara, que era de certo modo dirigida por uma organização política.

PAULAK: As Brigadas estavam um pouco mais sozinha ali naquele momento.

JOVIANO: Sozinha e num outro registro também. Não era num registro de um trabalho colaborativo em rede, horizontal e aberto como foi o processo do Isidoro, ninguém tinha o controle. Já assim incontrolável, a gente não dava conta do fluxo de informações. Então, pegar o Isidoro tendo aí esse processo de Junho no meio, e comparar com os processos de ocupações de sem-casa anteriores, a gente percebe um salto enorme.

Mas tinha uma coisa que eu queria falar também, porque a gente está falando das singularidades que fazem BH ser diferente com relação à ação dos movimentos e tudo, mas Belo Horizonte também tem singularidades favoráveis pros agentes do império, digamos assim. Hoje mesmo eu vi uma pesquisa de uma consultoria financeira internacional que coloca Belo Horizonte como a melhor capital do Brasil.

NATACHA: É campo de disputa do capital internacional.

JOVIANO: E aí a gente percebe nas eleições, Belo Horizonte tem tudo isso, todas essas singularidades, beleza, mas 64% votou no Aécio.

CHICO: Nesse ponto você dialoga com a Paulinha, a gente agradece ao Márcio Lacerda que foi eleito na segunda eleição no primeiro turno.

NATACHA: Já depois do Fora Lacerda...

CHICO: Você tem ainda uma perspectiva, dentro do ponto de vista da democracia representativa e do eleitorado de Belo Horizonte, de certa maneira conservadora.

LUD: Lembro da primeira reunião do Viaduto Ocupado, o tanto de movimento reunido, estava todo mundo junto, o que no Isidoro também foi forte. Talvez seja por isso também que a gente mantenha tanto os laços, porque a gente precisa disso pra coisa encorpar, porque nós ainda somos poucos pensando nesse contexto que elege o Márcio Lacerda de primeiro turno para o Governo Municipal, o Aécio majoritariamente. Esse alcance das lutas ainda não conseguiu sair dos cadernos de cultura, por exemplo.

NATACHA: Mas ao mesmo tempo no Resiste Isidoro saiu em todo lugar! Com Resiste Isidoro, acho que a gente ocupou outros cadernos. Mas também tem uma coisa interessante, e que tem um know-how desenvolvido com o uso tecnopolítico da internet, das redes e da criação de estéticas dos memes, de fazer isso contaminar, de fazer isso circular para ganhar apoio.

PAULAK: É a cidade da hashtag, Belo Horizonte.

SILVIA: Esse modo de fazer vem justamente da construção e da necessidade de criar, a cada dia, novas estratégias de disputa simbólica. Porque o que estamos aprendendo vem da experiência, de uma série de tentativas, de erros e acertos; e nesses erros e acertos a gente foi conhecendo outras pessoas que também estão experimentando dentro das próprias lutas/causas. Quando precisamos fortalecer a difusão de uma pauta/movimento, acionamos uma rede, que além de abranger muito de BH, é composta também por movimentos em São Paulo, Recife, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Brasil.

NATACHA: Tem uma rede nacional e internacional né?

ROBERTA: Eu acho esse ano a gente se encontrou muito com os movimentos nacionalmente, do ano passado pra esse ano teve um grande avanço nesse encontro. Eu acho que o Ocupa Estelita foi

importante, as ocupações lá de São Paulo.

NATACHA: Parque Augusta, Casa Amarela... Porque antes você tinha Brigadas com essa rede nacional, você tem o MLB nessa luta por moradia, os que têm as pautas mais específicas e mais concretas têm redes nacionais. Esses outros que são híbridos, que são culturais, essa rede está se formando agora muito claramente.

JOVIANO: Mas às vezes essa rede é acionada no conflito porque, por exemplo, as Brigadas não tinham tantas relações internacionais, mas quando lançou a campanha internacional da Dandara recebemos fotos de mais de 30 países, então acaba que muitas vezes se forma mesmo numa campanha, numa situação como essa a gente aciona.

PAULAK: Um ponto que eu queria colocar é que nem tudo são flores. Eu acho que o que a gente gosta mesmo é de ocupar, na hora que tem que ocupar, que tem que resistir, que tem que tá lá uuuhh, multidão, muita gente. Aí quando a situação estabiliza é diferente. Volta um pouco praquela lógica tradicional e os movimentos de base é que seguram a onda. O Viaduto Ocupado tem uma comissão, vai Ludmila mais duas pessoas na reunião da comissão, sendo que, quando o viaduto foi ocupado, tinham 200 pessoas ali debaixo. Agora nessa resistência cotidiana, que é onde de fato vamos chegar a algum resultado pra obra do viaduto, tem pouca gente. Quando a gente conseguiu abrir uma mesa de conversa com a prefeitura o movimento desmobilizou um pouco. Eu acho que a gente tem que pensar nisso.

LUD: É uma característica, eu acho, da dinâmica de coletivização. Muitas vezes parece que precisa do conflito. Nem todo mundo dá conta de todas as lutas e de toda a tramitação e negociação que essas lutas demandam para além do momento da ação direta. Ficamos o ano todo tendo que lidar com a PBH para garantir algumas coisas básicas

Img. 5 Assembleia Popular Horizontal (APH) no Viaduto Santa Tereza, Belo Horizonte



relativas ao Viaduto Santa Tereza, por exemplo, neste tempo reduziu bastante a participação de muita gente.

NATACHA: Tem uma outra coisa que eu queria retomar, essa discussão que a gente estava antes, da produção de intensidades quando se ocupa e depois quando naturalmente acontece uma diáspora. Essa diáspora quando se ocupa o viaduto, por exemplo, todos os movimentos caem pra dentro, do Tarifa Zero passando pelo Copac [22], passando por partidos políticos, sindicatos, etc. Quando desocupa, não é que as pessoas desaparecem daquele movimento, eles retornam às vezes pros seus movimentos de origem pra se reorganizarem. Penso que é o contrário do esvaziamento, é assim, tá todo mundo organizado lá nos seus movis e nos seus trabalhos envolvendo as lutas, mas na hora que tem uma ocupa todo mundo larga as coisas que está fazendo e se aglutina por uma causa gerando um pico de intensidade de outra ordem, é quase como se fosse um momento de imersão de outras potências, de outras coisas surgirem e de outras hibridações.

JOVIANO: Exatamente, e nenhum movimento consegue ficar ativado intensamente o tempo inteiro.

NATACHA: Ter a consciência de que aquilo ali é efêmero, tem uma potência de intensidade, de ressituar as outras lutas, e de todo mundo voltar, elimina essa paixão triste tipo fiquei sozinha no movimento, entendeu? Porque alguns movimentos dos movimentos, como foi o Viaduto Ocupado, ele é efêmero mesmo, ele acontece e acaba e depois volta. Mesmo porque o viaduto é fortemente ocupado desde 2007 pelo Duelo e pela Família de Rua e depois pela Real da Rua, então sabemos que ele tem um grupo forte ali constantemente pra cuidar do corre do cotidiano.

CHICO: Existem as pautas concretas, e existem essas pessoas, esses ativistas, esses militantes, que flutuam e que formam, e que passam pra frente. Existe uma coisa pontual, existem encaminhamentos e ficam pra acompanhar os encaminhamentos aqueles que estão mais ligados à pauta, ou disponíveis. E é uma coisa incrível ainda naquela ideia de que a gente não suprimiu a liderança, que a gente suprimiu foi o protagonismo, é de que a gente consegue uma coisa, acho que a gente consegue uma coisa que as instituições, as estruturas partidárias tradicionais não conseguem mais, que é a formação de quadro. A gente consegue à nossa maneira.

JOVIANO: Pois é, mas aí é uma inteligência que é de enxame. É uma inteligência que tem duas singularidades...

Eu acho que é importante falar da questão das mulheres, não das mulheres, mas do feminismo em Belo Horizonte. Acho que é uma questão. A Marcha das Vadias aqui, como foi uma outra dimensão, e o

[22] Cf. facebook.com/copacbh.

[23] Cf. facebook.com/ficaficus.

[24] O Carnaval ressurgiu nas ruas de BH em 2009 como um movimento de retomada do espaço público da cidade, com os blocos Tico Tico Serra Copo, Approach e Peixoto, que crescem ano a ano e recuperam novos territórios, e cantam ao público marchinhas políticas como “Coxinha da Madrasta” e “Marchinha do Pó Royal”.

[25] O Olympio é um bar localizado no Edifício Maletta, gerido por uma cooperativa, ligada à associação elástica e ao Coletivo Ystilingue.

[26] Ystilingue é um coletivo que promove exposições e outras ações que mesclam arte e política.

[27] Cf. associacaocasa-doestudante.wordpress.com.

[28] Cf. 4e25.org.

[29] Cf. marchadasvadias-bh.blogspot.com.br.

[30] Cf. facebook.com/BAixoBAhia.

[31] Cf. facebook.com/blocodaspretas.

Img. 6 Show da banda Graveola e o Lixo Polifônico na Ocupação Dandara em Belo Horizonte

surgimento do “feminismo ocupa a cidade”. E nas ocupações a gente percebe o protagonismo das mulheres. Nas ocupações de moradia, nas ocupações culturais ou onde for. Aqui expressa isso, que bonito isso. E bom, uma outra questão, casando com a discussão teórica, é que somos todos trabalhadoras e trabalhadores imateriais e biopolíticos. Tipo assim, se a gente tivesse que bater cartão oito horas, não funcionaria.

PAULAK: E aí dentro do movimento, quando você traz a questão da mulher, quantas vezes a gente parou uma assembleia pra discutir uma questão de machismo. Vira prioridade, isso é formação pra gente, isso é um processo de politização importante. A gente prioriza isso.

Tá então, listando os movimentos, vamos lá:

TODOS/MISTURADOS: Espaço Comum Luiz Estrela. Vamos pegar dos daqui, cronologicamente: Tarifa Zero; Duelo de MC's; Família de Rua; Real da Rua; Praia da Estação; Fora Lacerda; MLB; Brigadas Populares; Fica Ficus [23]; Espaço Comum Luiz Estrela; Carnaval de Rua de BH [24]; Viaduto Ocupado; Assembleia Popular Horizontal; O Olympio do Maletta [25]; Ystilingue [26]; Mofuce [27]; 4Y25 [28]; Marcha das Vadias [29]; Praia da Estação, APH que agora vai virar assembleia popular horizontal do baixo centro... a ideia é descentralizar e ter outras; Baixo Bahia [30]. Aí as ocupações: Izidora; Dandara... O Bloco das Pretas [31] acho que é um movimento importantíssimo nesse debate, na cidade tem ainda uma dificuldade muito grande nossa de dialogar com o movimento negro e o movimento negro pra dialogar com a gente. Isso é muito claro. E eu não sei se tem haver com o movimento tradicional, com formas diferentes de organização.



***Natacha Rena** professora da Escola de Arquitetura e Design da UFMG, líder do grupo de pesquisa Indisciplinar, coordenadora do programa extensionista IndLab-Laboratório Nômade do Comum e coordenadora do INCT Tecnopolíticas: territórios urbanos e redes digitais.

***Joviano Mayer** doutorando em Arquitetura e Urbanismo no NPGAU-UFMG, pesquisador do grupo de pesquisa Indisciplinar, advogado popular do Coletivo Margarida Alves e militante das Brigadas Populares.

***Bernardo Neves** mestrando em Arquitetura e Urbanismo no NPGAU-UFMG, pesquisador do grupo de pesquisa Indisciplinar e arquiteto autônomo e militante das Brigadas Populares.

***Josiane Alves** graduanda em Arquitetura e Urbanismo na Escola de Arquitetura da UFMG, pesquisadora do grupo de pesquisa Indisciplinar.